Jovens católicos brasileiros: presentes e ativos em sua igreja¹

Cecília Mariz*

Wânia Mesquita**

Michelle Piraciaba de Araújo***

Resumo

A literatura sobre religião e juventude na sociedade contemporânea aponta para um processo de individualização das experiências religiosas que tem afastado os jovens das igrejas e das instituições religiosas em geral. No entanto, os dados coletados tanto em um survey realizado durante a Jornada Mundial da Juventude de 2013 no Rio de Janeiro quanto em estudo qualitativo com jovens católicos universitários que participaram desse evento apontam para uma tendência contrária à descrita pela literatura citada. Em ambos os estudos os jovens declaravam-se praticantes e com forte vínculo com a Igreja Católica. Este artigo reflete sobre esses dados procurando maior entendimento sobre jovens católicos brasileiros que declaram participar mais de atividades religiosas de sua igreja do que os católicos estrangeiros e mais do que os evangélicos brasileiros.

Palavras-chave

Juventude. Catolicismo. Prática religiosa.

¹ Os dados analisados nesse artigo foram coletados em diferentes projetos de pesquisas, cada um apoiado por uma agência de financiamento: Faperj (Edital temático 2013); Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Bolsa Prociência - UERJ; e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 / Bolsa de Mestrado.

* Cecília Mariz é professora titular da Universidade do Estado do Rio Janeiro (UERJ). E-mail: marizcecilia@gmail.com.

** Wânia Mesquita é professora associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: mesquita@uenf.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1816-106X> .

*** Michelle Piraciaba de Araújo é mestre em Sociologia Política pela UENF e professora da Rede estadual de Ensino do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: michelle_piraciaba@yahoo.com.br.

Abstract

The literature about religion and youth in contemporary Society points to a process of individualization of religious experiences that has been driving young people Away from churches and general religious institutions. However, the data collected in a survey carried out during the 2013 World Youth Day in Rio de Janeiro, as well a qualitative study with Catholic college students who participated in this event, point to a tendency contrary to the one described by the mentioned literature. In both studies, young people declared themselves as participants and had a strong bond to the Catholic church. This article reflects on these data, trying to understand more about the Catholic young Brazilians who declare participating more than the Catholic foreigners and more than the Evangelical Brazilians.

Keywords

Youth. Catholicism. Religious Practice.

Introdução

Apesar de seu significado variar através da história de acordo com as distintas culturas e contextos econômicos, sociais, como já mostraram, entre outros, Ariès (1981) e Bourdieu (1993), a juventude pode ser compreendida como uma categoria formada pelos indivíduos mais recentemente inseridos na sociedade. Todos os povos e sociedades enfrentam a necessidade de socializar os mais jovens para se manterem e reproduzirem sua cultura. Por outro lado, inevitavelmente, as novas gerações não incorporam tudo. Algumas práticas e valores serão abandonados por essas gerações, que criarão outros. Conhecer melhor as tendências predominantes entre os mais jovens pode ser uma forma de conhecer o futuro de suas sociedades.

Pelo exposto, fica clara a importância do conhecimento sobre as atitudes dos jovens em relação às crenças, práticas e instituições religiosas não apenas para os que pesquisam religião e ciências sociais em geral, mas também para lideranças de igrejas e movimentos religiosos. Esse conhecimento também é valioso para lideranças laicas que criticam as religiões e competem com elas. Igrejas e movimentos religiosos sempre se preocupam com a formação e reforço da vinculação das camadas mais novas de sua comunidade de fé. Em praticamente todas as igrejas cristãs há uma preocupação em desenvolver estratégias para atrair e manter os jovens vinculado a elas. Quase todas as igrejas e os movimentos religiosos estimulam atividades e

criam grupos específicos de jovens.

A Igreja Católica não foge a essa regra, e a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) é um desses projetos católicos. É um evento internacional organizado pela Igreja e que ocorre periodicamente em diferentes cidades do mundo desde a sua instituição por João Paulo II, na década de 1980. Em 2013, foi a vez da cidade do Rio de Janeiro. A vinda desse evento para o Brasil com a presença de jovens católicos de várias partes do mundo motivou várias pesquisas. Este artigo tem como base empírica dados coletados por um *survey* realizado durante a JMJ e também um estudo qualitativo com um grupo que participou do evento. O objetivo do presente artigo não é analisar a JMJ em si, mas sim as declarações de jovens católicos que participaram do evento com foco especial nas declarações sobre prática e vinculação com a Igreja Católica.

O primeiro conjunto de dados a ser discutido foi coletado por meio de questionários aplicados a uma amostra de 974² sujeitos; já o segundo são dados do tipo qualitativo, fruto de entrevistas e, principalmente, observação participante em um grupo de jovens que viajaram para JMJ. Esse grupo, chamado de “caravana”, foi organizado em uma paróquia da diocese de Campos de Goytacazes do Estado do Rio de Janeiro. Além de viajar nessa “caravana”, a pesquisadora que realizou a pesquisa qualitativa, Michelle Piraciaba Araújo³, entrevistou jovens e também participou com eles das distintas atividades do evento na cidade do Rio de Janeiro. Diferentemente do *survey* citado, a coleta dos dados qualitativos antecedeu os dias do evento no Rio de Janeiro (23 a 28 de julho de 2013), incluindo o período das chamadas Pré-Jornadas, que iniciou uma semana antes⁴. Apesar do amplo conjunto de dados disponíveis, neste artigo analisaremos apenas dados que se referem à prática religiosa dos jovens que estavam nas JMJs de 2013,

² A proposta era aplicar 1 mil questionários, mas conseguimos 974 válidos sendo 424 com brasileiros e 550 com estrangeiros.

³ Na época, Michelle Piraciaba elaborava sua dissertação, defendida em 2015, no Mestrado em Sociologia Política da UENF, sob orientação de Wânia Mesquita.

⁴ No Rio de Janeiro em 2013, tal como ocorre em todas as JMJs, grande parcela dos participantes chegou ao Brasil para também participar das atividades das chamadas “Pré-Jornadas”. Essas ocorreram não apenas na cidade do Rio, mas também em várias outras cidades brasileiras. Uma das cidades escolhidas para as Pré-Jornadas foi a de Campos de Goytacazes, de onde veio o grupo estudado.

focando especificamente o caso dos brasileiros.

Quando se analisa a literatura sobre tendências religiosas entre jovens, especialmente de tradição cristã, nota-se que a característica mais citada é a autonomia em relação às instituições ou lideranças, levando a uma flexibilidade e pluralidade da prática e na adoção dos valores religiosos. Uma crescente frouxidão dos vínculos com a instituição religiosa, a que alguns autores chamam de processo de “desinstitucionalização” do religioso (HERVIEU-LÉGER, 2008), tem sido identificada como predominante na sociedade contemporânea europeia, em todas as faixas etárias. O enfraquecimento das instituições levaria a uma prática religiosa mais diversa, vinculada a preferências individuais, flexíveis, como destacam Hervieu-Léger (2008), Pace (1997) e Davie (1990), quando descrevem o cenário religioso europeu especialmente em relação às igrejas cristãs. Chamam atenção para a predominância da chamada “religião à la carte”, ou para declarações de que se acredita, mas não se pertence a uma religião ou igreja.

Nesse sentido, há similaridade entre essas análises sobre a tendência de transformação da religião na Europa e os estudos sobre os jovens e práticas religiosas no Brasil. Se, por um lado, haveria entre jovens um percentual maior dos que rejeitam declarar alguma identidade religiosa, como mostram os dados do censo analisados por Novaes (2013), por outro, quando declaram ter religião, os jovens tenderiam a ter crenças e práticas mais diversas do que os mais velhos (RODRIGUES, 2007; RIBEIRO, 2004; NOVAES, 1994; 2012).

Por essa literatura, espera-se encontrar entre jovens católicos um fraco vínculo com a igreja e também menor prática religiosa. Para avaliar essa participação, em geral, se usa como indicador a frequência a atividades da instituição. A maior frequência seria um sinal de maior vínculo institucional. Esses dados têm sido importantes nos estudos comparativos entre as igrejas evangélicas e a católica no Brasil. Supõe-se que a manutenção de determinada fé e a influência de cada igreja no cotidiano de um indivíduo dependerá de sua convivência com sua comunidade religiosa. Como já se argumenta na sociologia e antropologia da religião, desde Durkheim (2003), a prática dos rituais reforça a fé do indivíduo e seu vínculo.

Em estudos sobre JMJ anteriores, por exemplo a de Sydney (SINGLETON, 2011), havia questões sobre o grau de assiduidade da ida à igreja. Nesses estudos se observou que os jovens vindos de outros países declaravam frequentar a igreja mais do que o jovem católico do país anfitrião. A

explicação dada pelos pesquisadores era de que certamente, para viajar e deixar seu país e vir a uma JMJ, era necessária maior convicção do que para os que iam para JMJ em sua terra. Com essas reflexões somadas à concepção de um catolicismo brasileiro mais voltado para festas, e com menor vinculação à prática institucional (missa), poderíamos supor que os jovens católicos brasileiros da JMJ não seriam muito praticantes, ou seriam menos do que os estrangeiros. No entanto, os dados que foram coletados no *survey* que analisamos nos surpreenderam: os jovens católicos brasileiros que estavam na JMJ se declaravam bem mais praticantes do que os de outras partes do mundo. A grande maioria dizia frequentar a igreja mais de uma vez na semana, ou seja, além da missa semanal esses jovens participam de outras atividades relacionadas à igreja, como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1 - Jovens por frequência a atividades da igreja e países

Frequência a atividades da igreja	Brasil	Total dos Estrangeiros	América Latina ^a	América do Norte ^b	Europa (mais católica) ^c	Europa (outros)	Outros
Base:	424	550	291	57	135	37	30
Mais de 1 vez p/ semana	74,50%	48,70%	55,30%	31,60%	41,50%	40,50%	60,00%
Uma vez na semana	19,10%	39,60%	34,70%	61,40%	45,20%	35,10%	26,70%
Quinzenalmente	3,10%	2,20%	1,70%	—	3,70%	2,70%	3,30%
Mensalmente	1,90%	4,00%	3,10%	3,50%	5,20%	8,10%	3,30%
Só em festividades	0,70%	2,90%	2,70%	3,50%	2,20%	8,10%	
Não participa	0,20%	0,70%	0,30%	—	0,70%	2,70%	3,30%
Outros	—	0,40%	0,30%	—	0,70%	—	-
NR	0,50%	1,50%	1,70%	—	0,70%	2,70%	3,30%

Nota: ^a - Outros países da América Latina com a exceção do Brasil;

^b - América do Norte, o Canadá e os EUA, com a exceção do México;

^c - Europa mais católica seria constituída pelos países França, Itália, Espanha, Portugal e Polónia.

Fonte: Tabela com dados coletados em 2013 e 2014 no projeto “Novas Configurações.” Financiado pela Faperj e coordenado por Mariz e Gracino Jr (2018).

Enquanto o número de brasileiros que afirma ir à igreja mais uma vez por semana chega a 74,5%, entre os estrangeiros essa proporção cai para 48,7%. Esse percentual teria caído mais se excluíssemos o total dos estrangeiros

latino-americanos cujos percentuais eram mais baixos do que os brasileiros, porém mais altos do que os demais estrangeiros.

No entanto, se somarmos a frequência de mais uma vez por semana com uma vez por semana, os percentuais se aproximam. Mesmo assim, os brasileiros ainda se destacam por sua maior assiduidade: 93,6%, enquanto estrangeiros 88,3%.

Como Luciana T. V. Gonzalez (2016) já comentou, os jovens dos EUA e Canadá podem dispor de mais atividades educacionais e de lazer que os estimulam e preenchem seu tempo fora das igrejas. As atividades religiosas seriam uma das várias possíveis atividades, então ir à igreja uma vez por semana já seria bastante para eles. Em contraste, pela falta de recursos familiares e da sociedade em geral, a maior parte dos jovens brasileiros e da América Latina como um todo não teriam acesso a cursos, prática de esporte, atividades de lazer tão variadas e numerosas com os da América do Norte. Dessa forma teriam mais tempo disponível, e a igreja seria também um espaço importante de socialização entre jovens. A frequência mais de uma vez por semana poderia assim refletir essa ausência de outros estímulos e outros espaços para jovens. Para verificar essa hipótese e levantar outras questões, mais estudos⁵ comparativos seriam necessários.

Também pode se questionar se a declaração de alta frequência religiosa pode ter sido afetada pelo fato de a pesquisa ter sido realizada durante a JMJ, evento de tão grande importância para a comunidade católica. Ao comparar a frequência dos jovens brasileiros com a que foi declarada por jovens evangélicos na Marcha por Jesus, que ocorreu no ano seguinte no Rio de Janeiro (Tabela 2), observa-se que, ao contrário da tendência histórica no Brasil, católicos declararam que vão mais de uma vez na semana a atividades religiosas (74,5%) do que os evangélicos (68,8%). Essa diferença cai, no entanto, quando comparamos os que vão à igreja e atividades religiosas uma vez na semana e mais. Mesmo assim ainda há uma maior frequência entre católicos (93,6%), enquanto entre os evangélicos seria de 90,4%. Evidentemente a comparação é apenas sugestiva pois os universos comparados são bem distintos – um evento internacional católico e um evangélico local.

⁵ As reflexões de Marcelo Camurça (2015) sobre dados desse mesmo survey nos ajudam a pensar sobre diferenças entre os jovens brasileiros e os de países da que se chamou “Europa católica”.

Tabela 2 – Jovens por frequência a atividades da igreja e religião

Frequência a atividades da igreja	Jovens x Religião	
	Jovens católicos brasileiros da JMJ 2013	Jovens evangélicos da Marcha Rio de Janeiro 2014
Base	424	292
Mais de 1 vez p / semana	74,50%	68,8
Uma vez na semana	19,10%	21,6
Quinzenalmente	3,10%	1,4
Mensalmente	1,90%	2,7
Só em festividades	0,70%	2,7
Não participa	0,20%	2,1
Outros	–	0,3
NR	0,50%	0,3

Fonte: Tabela com dados coletados em 2013 e 2014 no projeto “Novas Configurações.” Financiado pela Faperj e coordenado por Mariz e Gracino Jr (2018)

Quando foram cruzadas a variável sobre assiduidade à igreja com as variáveis gênero, idade, instrução e cor/raça, observou-se que a diferença entre os gêneros masculino e feminino não era significativa. Quanto à “raça”, observa-se uma maior participação entre os que se identificam como “pardos”. Como esses estavam quase exclusivamente no Brasil e na América Latina, as duas variáveis se confundem. A maior frequência na categoria 21 a 25 anos da variável idade sugere alguma correlação entre essa e a prática religiosa. Os jovens mais ativos não seriam, portanto, os adolescentes. O que significaria esse resultado? Que processos levariam a jovens de mais de 20 anos a ir mais à igreja? Uma hipótese poderia ser os movimentos religiosos nos quais estão engajados.

Quando se questionou de quais movimentos ou grupos dentro da Igreja Católica participavam, observou-se um alto grau de dispersão nas respostas. O movimento mais citado entre os brasileiros foi a Renovação Carismática Católica (RCC), mas esse não alcançou um quinto das repostas, foram 19,3%⁶ apenas. Tão variados foram os movimentos citados e havia tão baixa representação para cada um que foi necessário classificar a

⁶ Esse percentual deve ser mais elevado. Podem se somar a esse percentual os que se identificaram como participantes da comunidade Shalom, por exemplo.

maioria como “outros” de forma tal que essa categoria reuniu praticamente a metade das respostas, especificamente 48,9% para o total da JMJ e 48,4% dos brasileiros e 49% dos estrangeiros. Essa pluralidade de movimentos era muito visível para quem fez etnografia e observação participante no evento: há grupos que usam vestes específicas, e no evento também havia os que traziam alguns sinais que os identificavam de alguma forma. No entanto, nem sempre os grupos mais facilmente destacados por suas vestes e estilos diferentes são os mais numerosos.

Quando nos confrontamos com os dados, algumas questões se colocam: como esses jovens se tornaram participantes? Seriam tão participantes como dizem? Evidentemente não teremos elementos aqui para responder a essa pergunta com uma amostra representativa. O estudo qualitativo poderá apenas contribuir para uma possível resposta sobre o que leva os jovens a frequentar a igreja, entre muitas que pode haver. A seguir analisamos os trechos das entrevistas sobre prática católica.

Estudo de caso com Jovens Campistas

Como ocorreu em paróquias e escolas católicas de várias cidades do Brasil, a paróquia Sagrado Coração de Jesus, da cidade de Campos de Goytacazes, organizou e enviou uma caravana de jovens para a JMJ do Rio de Janeiro. Segundo o coordenador de comunicação do Comitê Diocesano de Organização de Campos, aproximadamente 1.000 jovens campistas participaram da JMJ. Em geral, viajam em grupos.

O grupo pesquisado era composto de 6 rapazes e 9 moças entre 15 e 25 anos de idade: todos solteiros. A maior parte era composta de estudantes universitários com mais de 18 anos, a exceção era uma adolescente de 15 anos de idade. Os dois mais velhos, que tinham 23 e 25 anos, já tinham concluído o curso superior e trabalhavam, respectivamente, em um consultório odontológico e em uma farmácia. As entrevistas que discutiremos agora foram realizadas em momento posterior ao da JMJ.

Católicos, os jovens entrevistados se declaravam praticantes e já tinham recebido o sacramento da Crisma. Quando questionados sobre a vida religiosa em suas famílias, todos disseram que suas mães eram católicas, e com exceção de um, cujo pai não teria religião, todos disseram o mesmo do pai. Ser católico, contudo, não era ser praticante, e nem todos os jovens diziam que suas mães e pais praticavam o catolicismo. Ao serem indagados sobre religião, portanto, reconheciam a importância de uma criação familiar

católica, dada especialmente pela mãe, como se percebe nas falas de Pedro, Thamires, Daniel e Nina a seguir citadas:

“Eu comecei a ser católico por causa da minha mãe. Geralmente a gente segue a religião dos pais, e minha mãe me levava à igreja”. [Pedro].

“Quando eu era pequena, eu ia à igreja por causa de mamãe. (...) Aí eu fui batizada e fiz primeira comunhão mais por causa da minha mãe. Mas um pouquinho depois eu comecei a tomar gosto pela coisa”. [Thamires].

“Desde cedo eu fui apresentado à Igreja Católica, fui conhecendo as coisas da igreja, a doutrina, aí fui formando minha fé naquilo que fui conhecendo. Isso vem desde o berço, já que minha mãe que me levava”. [Daniel].

“Eu vim de uma base católica. Por mais que meus pais não frequentem a igreja ativamente, participando dos movimentos, de pastoral, essas coisas, minha mãe sempre foi de ir à igreja, às missas e sempre me passava os valores católicos. Então foram coisas que vinham sendo cultivadas desde a infância. Isso me moldou como católica”. [Nina].

Apesar da identidade católica dos pais e conseqüente criação católica, os entrevistados sempre destacavam que sua prática e identidade religiosa eram fruto de uma escolha pessoal. Essa escolha era especialmente destacada pelos que relataram terem experimentado um afastamento da igreja. Destacamos os casos de Caio e Cora:

Caio afirma que até os 14 anos era como seus pais, ou seja, se dizia católico, mas não praticava o catolicismo. Comenta que esteve até “envolvido” com o Espiritismo. Os pais de Cora tampouco praticavam catolicismo. Ela também frequentou centro espírita. Esses dois jovens se assemelham ainda quando comentam que sua aproximação com o catolicismo aconteceu depois da participação em um curso promovido pela igreja e que ocorreu durante um fim de semana⁷. A participação no encontro Jovens Adolescentes em

⁷ Nenhum entrevistado falou sobre o que ocorria nesses cursos, pois uma das regras do curso é guardar segredo sobre o que acontece lá. Nesse sentido, esses cursos se assemelham aos realizados por outros movimentos católicos, como Cursos de Cristandade, Encontros de Jovens e outros Encontros, como Encontros de Casais.

Missão⁸ ou JOAM (evento voltado para a faixa etária dos 15 aos 17 anos de idade) foi um marco na vida de Caio, que narrou o seguinte:

“Eu comecei a ser católico mesmo, a praticar o catolicismo quando fiz o JOAM com 16 anos. Antes não ligava de ir à igreja. Foi a partir daí que tive meu encontro com Deus. Depois do curso comecei a frequentar o grupo jovem e me crismei, agora também não deixo de ir às missas (...). Foram uns amigos da minha sala da escola, que tinham feito o curso e tinham uma caminhada na igreja que me chamaram para fazer o curso”. [Caio].

Caio foi convidado por amigos da sua idade, como acontece na maioria dos casos, jovens convidam outros jovens. O momento da mudança para Cora ocorre quando participa do que chamam Acampamento, curso similar ao JOAM, no entanto, voltado apenas para os que têm mais de 18 anos. Cora conta que uma prima a convidou:

“Com 18 anos eu fiz o Acampamento Juvenil que tinha na minha paróquia. Foi uma prima que tinha feito antes e estava começando a caminhada que me chamou para participar. Foi no Acampamento que tive uma experiência mais íntima com Deus e que me deu vontade cada vez mais de praticar minha religião, de fazer as coisas que todo católico deve fazer. Antes do curso falavam de Deus para mim como se fosse uma pessoa muito distante. Foi depois que tive um contato mesmo e fui querendo buscar e aprender mais. Para mim Deus estava longe. Só depois fui sentir quem era esse Deus”. [Cora]

Todos os da “caravana” pesquisada tinham participado de algum desses cursos, chamados de “cursos de conversão”, e comentavam sobre a Escola de Evangelização Santo André⁹, que, segundo eles, oferece cursos de aprofundamento. Apesar de poucos terem tido afastamento, a maioria relatava uma experiência de “conversão” ou “reafiliação” com intensificação da prática. Observa-se, assim, um projeto de evangelização estimulando “conversão” no interior do catolicismo através dos cursos que possuem

⁸ Há no Brasil um grupo evangélico que possui um nome similar: “Jovem com uma Missão”, ou JOCUM.

⁹ Os cursos da Escola são para formação de evangelizadores. Os cursos da escola e os “de conversão” se assemelham pela metodologia adotada.

uma metodologia específica. Os cursos citados foram FAC (Formação de Adolescentes Cristãos), para os jovens entre 12 a 14 anos; JOAM (Jovens Adolescentes em Missão), entre 15 a 17 anos; e o Acampamento Juvenil, para maiores de 18 anos.

Esses jovens que passaram por experiência de “conversão” descrevem a experiência como um “encontro com Deus”. Quando narram suas trajetórias religiosas, demarcam sempre um “antes” e um “depois da realização do curso”. Em grau diverso, comentam que passaram a ser católicos praticantes. Além da participação em missa e grupos jovens, aderem aos sacramentos, especialmente o da crisma (todos eram crismados).

A partir desse curso, a maioria vai para a “Escola Santo André”, como foi dito. Encontros regulares estimulam o desenvolvimento de laços afetivos que se estendem para vários setores da vida. Esses jovens passam a frequentar juntos *shoppings*, praia, shows, entre outras atividades, tornando-se amigos que reforçam mutuamente a fé e a vinculação à igreja.

Muitos dos pesquisados classificam o momento de fortalecimento de seu vínculo com o catolicismo como um “encontro pessoal com Deus” obtido através da participação aos cursos e retiros oferecidos, principalmente, pela Escola Santo André¹⁰:

“Desde o nascimento minha mãe me mostrou o caminho de Deus. Mas sempre tinha preguiça de ir à igreja, de participar das coisas, mas minha mãe sempre me convencia a ir. Sabe quando seus pais te levam para a igreja e você sempre escapole e fica lá fora conversando?! Então, eu era assim. Aí há uns três anos atrás fiz o JOAM, que significa Jovens Adolescentes em Missão. E foi lá tive meu encontro pessoal com Deus. E eu até falei com minha mãe: mãe, faz três anos que renasci para Cristo. Foi a partir desse encontro pessoal com Deus que sigo essa vida e pratico minha religião”. [Karina].

O relato de Karina evidencia não só a influência dos pais na adesão ao catolicismo, mas também relaciona seu engajamento ao “encontro pessoal com Deus”, que reflete numa escolha de participação no JOAM e, posteriormente, de prática da religião. Assim, até a infância o exercício do

¹⁰ Ao que parece, pelas informações dadas na entrevista, essa Escola é um projeto pastoral sem vínculo com nenhum movimento específico da igreja.

catolicismo era motivado pelos pais. Independentemente de ter passado por outra religião ou por momentos de simples afastamento, quando na juventude passam a praticar o catolicismo, isso ocorre devido a uma opção pessoal:

“Primeiro, eu comecei a ser católico porque meus pais eram e depois por minha opção mesmo. Vivendo tudo o que você vive, você sabe o que é certo e o que é errado. Aí eu escolhi seguir essa religião”. [Marcelo].

“Já tinha um certo costume de ir à missa, essas coisas. Aí eu fiquei um tempo sem frequentar porque nós mudamos de cidade. Só depois de um tempo que eu procurei uma igreja e comecei a fazer parte de uma pastoral, aí fiz um curso, o FAC no Sagrado, fiz crisma e voltei a frequentar mesmo, não por conta dos meus pais, como era antes, mas eu que procurei”. [Rafaela].

Assim esses jovens afirmam que o catolicismo deixou de ser uma religião de criação para se tornar uma escolha, e sua prática é uma opção. Quando crianças, foram apresentados aos sacramentos, como o batismo e primeira comunhão e, conseqüentemente, a catequese pelos seus pais, ao passo que, na juventude, por escolha própria, participam de retiros, de cursos e de eventos criados pela igreja tendo com alvo, sobretudo, os jovens. Dessa forma, ao invés de conformação à religião de criação, os jovens reivindicam terem feito sua própria escolha a partir do “encontro com Deus”.

Não foram observadas entre esses jovens católicos práticas e crenças alternativas ao catolicismo, como as ligadas ao esoterismo, ao universo espírita e afro-brasileiro, tais como uso de cartomancia, jogo de búzios, mapa astral, horóscopo, reencarnação, orixás. Em uma das conversas entre os jovens campistas durante a JMJ, um jovem falava que “católico não lê horóscopo nem acredita em outras coisas que não seja a Bíblia”.

Em sua entrevista, Cora comenta: “quando eu era criança, eu frequentava o espiritismo junto com minha avó, mas eu não tinha consciência. Eu ia (... , porque minha avó ia e eu acompanhava)”. Ao sublinhar que “não tinha consciência”, Cora nos diz que não sabia o que era espiritismo e nem tinha decidido ir ao centro espírita a partir de uma reflexão sobre um conhecimento prévio dessa prática religiosa. Contrasta dessa forma com a sua adesão ao catolicismo, que era fruto de uma decisão pessoal.

Sem recusar a ideia de uma herança familiar religiosa, os jovens entrevistados fazem questão de sublinhar sua escolha pessoal. Nesse

sentido, estão em consonância com discursos religiosos contemporâneos que, como já destacaram Duarte et al. (2006), valorizam uma adesão interior e subjetiva rejeitando a ideia de simplesmente seguir uma tradição familiar. Essa posição dos jovens é também certamente reforçada e realimentada nos “cursos de conversão” dos quais participaram. Embora batize crianças recém-nascidas sem opção de escolha, a Igreja Católica defende que se confirme essa opção na idade adulta, destacando a “conversão” como experiência continuada. Esse seria o tipo de identidade religiosa reconhecida como legítima na sociedade contemporânea (NOVAES, 2004).

A repetição do discurso sobre a religião ser uma “escolha e decisão pessoal”, bem como do fato de a prática religiosa não ser uma obrigação imposta pela instituição ou pelos pais, nos sugere que esses são pontos reafirmados nos cursos de conversão. Evaldo coloca de forma clara esses pontos importantes do discurso:

“Eu sou católico pela influência dos meus pais, mas com a maturidade eu fui aprendendo sobre a igreja, sobre a religião e vivendo experiências com Deus, em retiros, cursos, etc. Inicialmente foi pela questão da família mesmo, mas depois foi por escolha própria. Até porque eu nunca fui obrigado a seguir nada. Nem antes pelos meus pais, nem agora. E hoje tenho certeza da minha fé, pelos conhecimentos que tenho”. [Evaldo].

O termo “obrigação” é recusado, em sua fala, nem a família, nem a instituição, determina nada ao jovem: ele é quem decide se pratica ou não sua religião e como a praticará. Além do mais, ele não se conforma com as verdades religiosas colocadas pela Igreja (HETVIEU-LÉGER, 2008). Como observa Evaldo, a certeza da sua fé decorre dos conhecimentos adquiridos por ele, que passam pela frequência aos cursos e retiros. Mesmo que esses sejam oferecidos pela instituição, apresentam-se aos jovens, aliados à leitura da Bíblia, como forma de verificar as certezas postas pela Igreja. É como se eles pudessem dizer que só acreditam conhecendo.

Para os jovens pesquisados, a ida semanal à missa não seria um único indicador de prática católica desses jovens. Além dessa, declaram frequência a outros sacramentos, devoção mariana e aos santos, reza do terço e orações diversas e ainda leitura da Bíblia. Por outro lado, a prática católica para eles significa também ampliar o conhecimento sobre os assuntos religiosos, inclusive buscando verificar aquilo que é dito pelo pároco, bispo ou outros religiosos.

A leitura da Bíblia é indicada por eles como a base de todo católico. Contudo, alguns reconhecem que não mantêm o hábito de leitura diariamente, sendo uma falha do próprio fiel:

“A leitura da Bíblia, por exemplo, acontece quando estou mais nos eventos da igreja. Mas isso é que eu tento revisar na minha vida para fazer a leitura diária da Bíblia, pois isso é fundamental para um católico praticante. Por falta de tempo, às vezes não lemos a Bíblia”. [Paloma].

“Não leio a Bíblia todos os dias. Mas procuro ler com frequência. Já tive fases da minha vida que lia uma parte todos os dias. A Bíblia é um dos fundamentos da Igreja Católica. É a Bíblia, a tradição e os magistérios da igreja que são seus fundamentos”. [Pedro].

Além de sempre utilizar objetos religiosos, como a cruz ou escapulários pendurados no pescoço, camisas com imagem de Jesus, santos ou frases bíblicas, quase todos declararam possuir o terço no bolso, no pulso ou na mochila. Na própria Jornada Mundial da Juventude, houve vários momentos em que os jovens rezaram o terço. Sendo assim, a reza do terço é uma constante entre eles.

Cabe ressaltar que, embora nenhum dos entrevistados tenha explicitado que são católicos carismáticos, ligados à Renovação Carismática (RCC), uma jovem relatou que geralmente nos retiros e eventos católicos é bastante comum o repouso no espírito e a glossolalia, práticas carismáticas por excelências:

“Uma vez fui num retiro e lá eu passei também pela experiência do repouso no espírito. É difícil de explicar o repouso (...) Tem também a oração em línguas. Essas coisas você sente. Quem tem fé vivencia. O repouso para mim, no caso, é uma cura. Toda vez que tem uma Adoração eu me entrego e me sinto curada das coisas passadas e Deus me dá coisas novas. O repouso é difícil falar com palavras, só aqueles que sentem verdadeiramente na fé, consegue vivenciar o repouso no espírito. Esse repouso só acontece comigo quando estou no momento de adoração ao Santíssimo. Sempre tem adoração nos retiros”. [Paloma].

Além de terem sido registrados comentários dos jovens sobre experiências com dons do Espírito, em geral, mas especialmente glossolalia,

“repouso no espírito” e cura, essas práticas carismáticas e também louvores expressos com grande emoção foram observadas durante algumas práticas rituais acompanhadas durante a pesquisa. O fato de não se ter mencionado a RCC parece sugerir que catolicismo carismático, nesse contexto, se identifica com o catolicismo em si e não estaria restrito a um movimento apenas.

A participação à missa foi indicada por todos os entrevistados como uma das formas de praticar sua religião. Bianca aponta que não deixa de ir às missas aos domingos e que “não liga para as outras coisas”. As “outras coisas” a que se refere seriam “grupos de oração”, participação em alguma pastoral ou grupo religioso. Em sua concepção, embora praticante, não se considera uma “católica fervorosa”: “olha, não sou fervorosa, mas pratico sim. Não participo muito de grupos ou outros eventos. Tento seguir os caminhos certos”.

Havia no grupo pesquisados graus distintos de adesão e participação religiosa. Os que menos participavam era como Bianca, que disse frequentar as missas dominicais, comungar, confessar periodicamente, fazer orações diárias e ir também às JMJs, apenas não participava de forma mais ativa de outras atividades religiosas e serviços à instituição como a maioria. Essa era composta por jovens com participação mais intensa que afirmavam a necessidade de “servir” à Igreja e o fazem atuando em várias frentes, como veremos nos trechos das entrevistas seguintes:

“Antes só ia às missas aos domingos com a minha mãe até que um dia fui a um retiro de carnaval e de lá para cá senti a necessidade de atuar melhor na igreja, de servir, de sair do banco da missa de domingo e passar a servir melhor a Deus. Antes eu era uma católica morna, agora posso dizer que sou atuante. Lá eu vivenciei muitas coisas novas, teve palestras. Eu nunca tinha feito um retiro espiritual. E eu percebi que não estava praticando nada na igreja. Eu vi o quanto eu precisava me doar mais, de servir mais. Lá eu vivenciei o que é ser missionária na rua, de falar de Deus na rua. Aí eu senti essa necessidade de servir, de estar mais dentro na igreja. Então tudo contribuiu para essa decisão. E hoje não me arrependo disso, de sentir a presença de Deus na minha vida. Mas a gente só sente isso quando a gente busca”. [Nina].

Há que se destacar nessa fala a ideia de se colocar a serviço de Deus e da Igreja. Esses jovens buscam ter um papel ativo nas suas igrejas, sendo um notável elemento atribuído à sua prática religiosa. Eles se mostram dispostos a realizar qualquer tarefa desde que seja para “servir” a Deus

ou a Igreja. Dentre essas atividades encontra-se a participação em pastoral, coordenação de grupo jovem, palestrante em retiros ou cursos:

“Eu participo atualmente da pastoral da crisma, eu sirvo lá e também faço parte de uma missão que se chama missão Calcutá, que é da igreja do **antigo convento. Essa missão visa distribuir sorrisos.** Nós visitamos orfanatos, distribuimos alimentos para moradores de rua. Tem esse caráter de ajudar ao próximo, de distribuir sorrisos”. [Eloá].

“Eu sou secretário de uma congregação mariana, sou coordenador de um grupo jovem da reitoria São José, sou coordenador geral dos jovens da Administração Apostólica, sou coordenador de comunicação do centro diocesano organizado para a Jornada”. [Pedro].

“Sou cerimoniário, é quem ajuda o padre nas celebrações, faço parte do grupo jovem, faço parte do JOAM, começo a fazer parte da Escola de Evangelização Santo André, que é uma escola de formação que tem como principio levar outras pessoas a Jesus, como André apresentou Pedro a Jesus a gente também se forma para evangelizar, para levar outros Pedros a Jesus”. [Caio].

“Faço parte da pastoral de evangelização. Nós vamos em casa levar a palavra de Deus para as pessoas e atualmente prego nos cursos de evangelização da Escola Santo André”. [Paloma].

Dessas atividades a que parece ser mais destacada e mais importante para eles seria a de evangelizar e também a busca cotidiana de outros jovens para o catolicismo. Esses jovens que passaram por uma “readesão” ao catolicismo declaram trabalhar de forma direta e indireta no processo de evangelização e possível conversão de outros jovens. Os entrevistados declaram realizar esse papel evangelizador participando dos cursos da Escola Santo André. São eles que organizam e dão palestra nesses cursos, após terem participado como ouvintes:

“Digo que pratico minha fé quando vou às missas e principalmente quando eu anuncio o evangelho. Quando eu falo de Jesus para as outras pessoas, isso faz aumentar a fé. Os cursos de formação da Escola de Evangelização Santo André também servem para isso, e as missas são muito importantes. São nesses cursos que buscamos aprender mais sobre Deus. São cursos fundamentados sempre

na Palavra e na experiência, na qual você vive tudo aquilo que a Bíblia diz. Eu fiz meu primeiro curso aos 18 anos e depois eu quis participar como pregadora e até hoje faço isso. Os cursos são importantes para isso, para você conhecer a Palavra e também ter a oportunidade de evangelizar outros jovens. (...) As pregações nada mais é que o nosso testemunho, nós dizemos como Deus transformou nossas vidas e é essa felicidade que tentamos passar para aqueles que ainda não conhecem o amor de Deus”. [Cora].

Todavia, conforme os jovens, evangelizar não é apenas falar, ou “colocar a Bíblia debaixo do braço e bater de casa em casa para falar de Jesus”, como bem destacou Caio numa conversa informal¹¹. Também de forma indireta, buscam estimular a conversão a partir de suas condutas e atitudes cotidianas. Assim, os jovens procuram evangelizar outros jovens a partir do seu exemplo e modo de viver.

Conclusões

Iniciamos o presente artigo reconhecendo o investimento da Igreja Católica na evangelização dos seus membros mais jovens com a promoção de um verdadeiro megaevento transnacional, as JMJs. Destacamos alguns dados coletados por um survey com jovens da JMJ Rio em 2013 que nos surpreenderam: os jovens católicos brasileiros declararam participar mais da igreja do que os católicos de fora do Brasil, e também mais do que evangélicos brasileiros. Mesmo levando em conta que a prática católica pode ter aumentado entre os jovens brasileiros durante o processo de preparação da JMJ do Rio, os dados não deixam de surpreender, pois indicam uma tendência distinta do que apontava a literatura sobre catolicismo e juventude. Além disso, eles vão contra os dados de todas as pesquisas a que já tivemos acesso no Brasil, nas quais evangélicos sempre aparecem como mais praticantes do que os católicos.

Essa constatação motivou analisar dados de uma pesquisa qualitativa com um grupo de “peregrinos” da JMJ. Os entrevistados nessa pesquisa

¹¹ Diário de campo de 22 de agosto de 2013, dia da entrevista com Caio da pesquisa de Michelle Piraciaba de Araújo.

eram muito praticantes, e essa prática não se referia apenas a uma preparação para a JMJ. Além de assíduos à missa, se esforçam para sempre ler a Bíblia, rezam o terço, fazem orações diárias, confessam regularmente, participando ainda de grupos de oração, pastoral, retiros, cursos, além de realizar “serviços” para a igreja como uma forma de legitimar a prática religiosa. No entanto, é importante destacar que todos comentam que nem sempre foram assim e que isso mudou logo quando passaram da adolescência.

Esses jovens narram um processo similar ao de “conversão”, experimentando uma nova forma de adesão a sua igreja vinculada a um reavivamento da fé, que os levou a optar por viver o catolicismo em novos termos, tornando-se bem mais praticantes. Esse maior engajamento na prática católica, descrito por Rumstain e Almeida (2009), como uma “volta dos que ainda não foram”, teria ocorrido, para os pesquisados, depois da experiência em “cursinhos” ou “retiros” organizados pela igreja. Suas trajetórias religiosas se dividem, então, em dois períodos, o de “antes” e o de “depois” ao “encontro com Deus” propiciado por aqueles “cursinhos”.

Em suas falas, esses jovens destacam a autonomia dessa sua decisão por um maior engajamento no catolicismo. Embora sejam de famílias católicas, fazem questão de sublinhar que sua prática atual é fruto de decisão pessoal, inclusive alguns praticam a religião mais do que seus pais. Sublinham também como sentem necessidade de conhecer, estudar e refletir sobre a fé, ler a Bíblia para ter claras as suas posições. A importância da dimensão pessoal e convicção individual nas diferentes opções da vida é uma marca da sociedade contemporânea, que também parece ter sido apresentada e reforçada nesses encontros e retiros católicos.

Pelos relatos dos jovens, os ensinamentos nos cursos parecem estar criando um catolicismo com vários pontos de contato com a prática religiosa de evangélicos brasileiros em geral e em especial pentecostais. Observa-se, além da escolha pessoal, compromisso com a instituição, uma busca de conhecimento pela leitura da Bíblia, ênfase na atividade evangelizadora e nos dons do Espírito Santo. Essas semelhanças e também a maior frequência religiosa entre jovens católicos do Brasil e da América Latina em geral, quando comparada com a dos jovens católicos dos EUA, Canadá e Europa, podem se relacionar a um contexto latino americano de forte competição religiosa resultando do intenso crescimento de igrejas evangélicas.

Por outro lado, os relatos analisados revelam como a Igreja católica está investindo na preparação e evangelização de jovens com uma metodologia

que, ao que tudo indica, tem sido bem-sucedida. Nesse sentido, as JMJs, asPré-jornadas e seus cursos de catequeses, estariam entre as várias atividades para formar e mobilizar jovens. No entanto, como já destacamos, esse é apenas um estudo de caso sobre jovens universitários católicos praticantes de uma cidade do Estado do Rio de Janeiro. O quanto outros casos como esse podem ser encontrados na população juvenil brasileira que estava na JMJ-Rio em 2013 ou que está hoje em dia praticando catolicismo no Brasil, são questões para futuros estudos.

Referências

- ARAÚJO, Michelle Piraciaba.
(2015). *Jovens católicos e a Jornada Mundial da Juventude: religiosidade e o catolicismo na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política UENF.
- ARIÈS, Philippe.
(1981). *História social da criança e da família*. São Paulo, LTC.
- BOURDIEU, Pierre.
(1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 112-121.
- CAMURÇA, Marcelo.
(2015) Autonomia ou identificação orgânica entre juventude católica e instituição igreja? Uma comparação entre estudos sobre as juventudes católicas no Brasil e na França. In: Péricles Andrade (Org.); *Polifonia do Sagrado*. São Cristóvão, Editora da Universidade Federal de Sergipe.
- DAVIE, Grace.
(1990). Believing without belonging; Is this the future of religion in Britain *Social Compass* 37 (4), p. 455-469.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; JABOR, Juliana de Mello; GOMES, Edlaine Campos; LUNA, Naara.
(2006). Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. In: Luiz Fernando Dias Duarte; Maria Luiza Heilborn; Myriam Lins de Barros; Clarisse Peixoto (Orgs.); *Família e Religião*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria. p. 89-112.
- DURKHEIM, Émile.
(2003). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes.
- GONZALEZ, Luciana Thaís Villa.
(2016). *Estar no mundo, sem ser do mundo: alguns casos da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Rio 2013*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle.
(2008). *O peregrino e o convertido*. Petrópolis, Vozes.
- MARIZ, Cecília Loreto.
(2006). Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: Faustino Texeira; Renata Menezes (Orgs.); *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, Vozes.
- NOVAES, Regina.
(2012). Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais". *Religião e Sociedade*, nº 32. p.184-208.
- (2004). Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, nº 52. p.321-330.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO UFF.

(2013). *O perfil e os impactos econômicos dos turistas da Jornada Mundial da Juventude 2013 no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro Disponível em: <http://www.neltur.com.br/var/www/html/neltur.com.br/web/pdf/study/perfil_jmj.pdf>. Acesso em 1º de junho de 2018.

PACE, Enzo.

(1997). *Religião e Globalização* In: Ari Pedro Oro; e Carlos Alberto Steil (Orgs.); *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes. p.25-42.

RUMSTAIN, Ariana; ALMEIDA, Ronaldo

(2009). Os católicos no trânsito religioso. In: Faustino Teixeira; Renata Menezes (Orgs.); *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, Vozes. p. 31-55.

RIBEIRO Jr., Jorge Cláudio.

(2004). Os Universitários e a Transcendência – visão geral, visão local. *Rever (Revista de Estudos da Religião)* nº 2. p. 79-119.

RODRIGUES, Solange.

(2007). Como a juventude brasileira se relaciona com a religião? *Observatório Jovem UFF*. Disponível em: <<http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/como-juventude-brasileira-se-relaciona-com-religi%C3%A3o>>. Acesso em 1º de junho de 2018.

SINGLETON, Andrew.

(2011). The impact of World Youth Day on religious practice. *Journal of Beliefs & Values*, nº 1. P.57-68.

Recebido em

abril de 2018

Aprovado em

setembro de 2018